

## **INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: UMA ANÁLISE MARXISTA DO FETICHE VAMPÍRICO NA CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL**

## **ARTIFICIAL INTELLIGENCE: A MARXIST ANALYSIS OF VAMPIRIC FETISHISM IN THE STRUCTURAL CRISIS OF CAPITAL**

## **INTELENCIA ARTIFICIAL: UN ANÁLISIS MARXISTA DEL FETICHISMO VAMPÍRICO EN LA CRISIS ESTRUCTURAL DEL CAPITAL**

 <https://doi.org/10.56238/arev8n2-099>

**Data de submissão:** 23/01/2026

**Data de publicação:** 23/02/2026

**Eliane Beê Boldrini**

Doutora em Educação

Instituição: Instituto de Formação Cidadã ASCENE

### **RESUMO**

Este artigo propõe uma análise crítica da chamada Inteligência Artificial a partir do método marxista, com base central nos volumes I e II de O Capital. Argumenta-se que a IA não constitui uma forma autônoma de inteligência nem uma ruptura histórica emancipadora, mas a expressão contemporânea mais acabada do fetichismo da mercadoria. Ao ocultar as relações sociais e materiais que a produzem, a IA aparece como força independente, quando na realidade cristaliza trabalho humano vivo expropriado, sustentado por uma infraestrutura material intensiva, subsidiada pelo Estado e funcional à acumulação de capital. O artigo analisa a materialidade dos datacenters, a dupla exploração do trabalho vivo — assalariado e gratuito — e o papel ideológico da superpopulação relativa na gestão da crise ecológica e social. Sustenta-se que a barbárie contemporânea, amplificada pela crise climática e pela administração tecnológica da vida, não representa um desvio do sistema, mas sua forma normal de funcionamento em crise estrutural. Por fim, discute-se como essa realidade se manifesta na percepção social por meio da arte distópica, enquanto a IA atua como instrumento técnico de administração do impasse histórico do capital.

**Palavras-chave:** Inteligência Artificial. Fetichismo da Mercadoria. Trabalho Vivo. Crise Estrutural do Capital. Marxismo.

### **ABSTRACT**

This article proposes a critical analysis of so-called Artificial Intelligence from a Marxist perspective, based primarily on Volumes I and II of Capital. It argues that AI does not constitute an autonomous form of intelligence nor an emancipatory historical rupture, but rather the most complete contemporary expression of commodity fetishism. By concealing the social and material relations that produce it, AI appears as an independent force, when in reality it crystallizes expropriated living human labor, sustained by an intensive material infrastructure, subsidized by the State and functional to capital accumulation. The article analyzes the materiality of data centers, the double exploitation of living labor—wage-earning and unpaid—and the ideological role of relative overpopulation in managing the ecological and social crisis. It argues that contemporary barbarity, amplified by the climate crisis and the technological management of life, does not represent a deviation from the system, but its normal mode of functioning in structural crisis. Finally, it discusses how this reality manifests itself in social perception through dystopian art, while AI acts as a technical instrument for managing the historical impasse of capital.

**Keywords:** Artificial Intelligence. Commodity Fetishism. Living Labor. Structural Crisis of Capital. Marxism.

## **RESUMEN**

Este artículo propone un análisis crítico de la denominada Inteligencia Artificial desde una perspectiva marxista, basado principalmente en los volúmenes I y II de El Capital. Argumenta que la IA no constituye una forma autónoma de inteligencia ni una ruptura histórica emancipadora, sino la expresión contemporánea más completa del fetichismo de la mercancía. Al ocultar las relaciones sociales y materiales que la producen, la IA aparece como una fuerza independiente, cuando en realidad cristaliza trabajo humano vivo expropiado, sustentado por una infraestructura material intensiva, subsidiado por el Estado y funcional a la acumulación de capital. El artículo analiza la materialidad de los centros de datos, la doble explotación del trabajo vivo —asalariado y no remunerado— y el papel ideológico de la superpoblación relativa en la gestión de la crisis ecológica y social. Argumenta que la barbarie contemporánea, amplificada por la crisis climática y la gestión tecnológica de la vida, no representa una desviación del sistema, sino su modo normal de funcionamiento en crisis estructurales. Finalmente, analiza cómo esta realidad se manifiesta en la percepción social a través del arte distópico, mientras que la IA actúa como un instrumento técnico para gestionar el impasse histórico del capital.

**Palabras clave:** Inteligencia Artificial. Fetichismo de la Mercancía. Trabajo Vivo. Crisis Estructural del Capital. Marxismo.

## **1 INTRODUÇÃO: A CORTINA DE FUMAÇA**

O objetivo deste artigo é dissecar a anatomia da chamada Inteligência Artificial a partir do pensamento marxista, tomando como fundamento teórico-metodológico a crítica da mercadoria, do valor e da acumulação capitalista. Busca-se desmistificar o fetiche que envolve a IA, revelando-a não como uma entidade autônoma ou neutra, mas como forma social historicamente determinada, produzida no interior do modo de produção capitalista e funcional à sua reprodução em crise.

A Inteligência Artificial se apresenta como o fantasma da nossa época. É descrita como inteligência autônoma, criativa, capaz de pensar, decidir e substituir o trabalho humano. Habita uma “nuvem” supostamente imaterial e surge como promessa de eficiência, progresso e solução para crises sociais e ambientais. Nesse imaginário, a IA aparece como a mercadoria perfeita: pura inteligência, aparentemente desvinculada do tempo de trabalho, do corpo e da exploração.

Este artigo sustenta uma tese contrária: a IA não é inteligente nem artificial. Ela constitui a forma mais sofisticada do fetichismo da mercadoria no século XXI. O termo “inteligência artificial” funciona como uma cortina ideológica que oculta relações sociais materiais de exploração. Por trás do fantasma, há um vampiro.

Seguindo o método de Marx, parte-se do concreto para o abstrato e retorna-se ao concreto: primeiro, a infraestrutura material que sustenta a IA (Capítulo 1); depois, a análise da mercadoria-IA e de sua dupla exploração do trabalho vivo (Capítulo 2); em seguida, aplicamos a fórmula D–M–D’ para desvelar a lógica de valorização que persiste sob o disfarce tecnológico (Capítulo 3). Por fim, analisamos a inserção dessa forma tecnológica na crise estrutural do capital, na ideologia da superpopulação e na barbárie socioambiental contemporânea, expressa culturalmente nas distopias (Capítulo 4).

## **2 CAPÍTULO 1: A NUVEM DE CONCRETO: DATACENTERS, ESTADO E A MORADA MATERIAL DO VAMPIRO**

O primeiro passo para desfazer o fetiche da IA é negar sua suposta imaterialidade. A infraestrutura que a sustenta é profundamente material, pesada e poluente. Datacenters — as fábricas centrais da era digital — consomem volumes de energia elétrica comparáveis aos de grandes cidades (alguns complexos individuais já demandam mais de 1 TWh por ano, equivalente a centenas de milhares de residências), utilizam milhões de litros de água potável para resfriamento, ocupam vastas extensões de terra e produzem resíduos tóxicos de difícil gestão, como lixo eletrônico e metais pesados. Esses complexos constituem capital constante em sua forma mais pura: trabalho passado

cristalizado em máquinas, prédios e sistemas técnicos que, por si só, não produzem novo valor. Sem a ativação permanente do trabalho vivo, essa infraestrutura é inerte.

O mito da livre concorrência se dissolve quando se observa que tais empreendimentos são inviáveis sem maciços subsídios estatais. Isenções fiscais, energia subsidiada, infraestrutura pública e flexibilização ambiental são oferecidas para atrair essas instalações. O Estado socializa os custos materiais da produção digital enquanto os lucros são privatizados por grandes corporações. Essa relação não é uma anomalia, mas expressão do Estado burguês em sua função clássica: garantir as condições gerais da acumulação de capital. O dinheiro público investido na infraestrutura retorna sob a forma de poder privado, financiamento político e captura institucional.

As plataformas que operam nesses datacenters tornam-se, simultaneamente, meios de produção, de circulação de mercadorias e de produção de consenso e desinformação em escala social. A chamada “nuvem”, portanto, é uma montanha de concreto, energia e interesses de classe. É o espaço material onde o vampiro se abriga, sustentado por recursos coletivos.

### **3 CAPÍTULO 2: A MERCADORIA-VAMPIRO: TRABALHO VIVO, FETICHISMO E EXPLORAÇÃO EM CICLO FECHADO**

#### **3.1 A DUPLA FACE DA MERCADORIA-IA**

Toda atividade humana intencional é mediada pela inteligência. Para Marx, o trabalho distingue-se da atividade animal porque pressupõe antecipação consciente do resultado. A inteligência, nesse sentido, não é atributo abstrato, mas momento constitutivo do trabalho vivo. Quando essa inteligência se objetiva em máquinas, sistemas, algoritmos e procedimentos, ela assume a forma de trabalho morto. A chamada IA é precisamente isso: inteligência humana cristalizada, separada de seus produtores e apresentada como sujeito autônomo.

Como toda mercadoria, a IA possui valor de uso e valor de troca. Seu valor de uso é amplamente divulgado: geração de textos, imagens, vídeos, traduções, automação de tarefas e mediação de relações sociais. Essa utilidade espetacular sustenta o fascínio e a adesão social. Seu valor de troca, contudo, não deriva de uma suposta inteligência autônoma, mas do tempo de trabalho humano socialmente necessário à sua produção, manutenção e aprimoramento. A IA é produto do trabalho humano coletivo, não uma mente.

#### **3.2 A FÁBRICA GLOBAL: DOIS CENÁRIOS DE EXPLORAÇÃO DO TRABALHO VIVO**

A produção da mercadoria-IA ocorre em uma fábrica global descentralizada, articulando duas formas complementares de exploração:

- a) Trabalho vivo assalariado e precarizado: Milhões de trabalhadores realizam tarefas invisibilizadas: rotulação de dados em plataformas como a Amazon Mechanical Turk, moderação de conteúdos violentos em redes sociais, correção de respostas algorítmicas. Trata-se de trabalho vivo direto, mal remunerado e psicologicamente desgastante, que se cristaliza em trabalho morto sob a forma de algoritmos “treinados”.
- b) Trabalho vivo gratuito dos usuários: Aqui reside a inovação histórica decisiva. A atividade cotidiana dos usuários — buscas, interações, cliques, produção de conteúdo — é apropriada como matéria-prima gratuita. Cada pergunta feita a um chatbot, cada imagem gerada e corrigida, cada scroll nas redes alimenta o sistema. A vida social em sua totalidade é capturada, convertida em dado e integrada ao processo de valorização. O usuário é simultaneamente consumidor e produtor explorado, portanto gerador de valor.

### 3.3 O FETICHE EM SEU GRAU MÁXIMO

A mercadoria-IA atinge um patamar inédito de fetichismo quando o processo social de exploração desaparece por completo da percepção. O trabalho vivo coletivo retorna como poder estranho, apresentado como inteligência autônoma capaz de substituir seus próprios criadores. O trabalho morto exige continuamente novo trabalho vivo para manter-se “vivo”. Eis o vampiro!

Assim, o limite da chamada Inteligência Artificial não reside primariamente na escassez de financiamento, mas na sua base material. Enquanto forma extrema de trabalho morto — inteligência morta — ela só se anima ao sugar continuamente trabalho vivo, consumindo energia, água, minerais e território em escala crescente. A aparente autonomia oculta uma contradição estrutural: não há moto contínuo possível em um mundo finito. A verdadeira bolha da Inteligência Artificial não é financeira, mas ecológica e material, revelando os limites históricos da expansão do capital constante.

## 4 CAPÍTULO 3: IA, TRABALHO VIVO E A PERSISTÊNCIA DA FÓRMULA D–M–D’

Apesar da aparência de ruptura tecnológica, a inteligência artificial não altera a lógica fundamental da acumulação capitalista. A fórmula D–M–D’, postulada por Marx, permanece válida. O que se transforma é a composição interna de M, a forma de extração do trabalho vivo e a intensificação das contradições materiais — especialmente energéticas, ecológicas e sociais — que sustentam a valorização no capitalismo digital.

Em Marx, D–M–D’ é um método de análise da valorização. D (capital-dinheiro) avança para adquirir M (mercadorias: meios de produção + força de trabalho), que no processo produtivo geram

D' (capital-dinheiro acrescido de mais-valor). Aplicar essa fórmula à IA é um exercício de crítica ao fetiche tecnológico: recolocá-la nas determinações do capital.

Tomemos um exemplo esquemático: uma grande empresa de IA. Seu D inicial são bilhões em investimentos de risco. Seu M é desproporcional: uma fração mínima é capital variável (salários de engenheiros bem pagos e clickworkers precários), enquanto uma massa gigantesca é capital constante (superdatacenters, redes de fibra ótica, milhões de chips especializados, energia). Seu D' — o lucro — só surge se esse sistema conseguir extrair mais-valor, o que depende estruturalmente do trabalho vivo, seja dos empregados invisíveis, seja (e principalmente) da atividade gratuita dos usuários, que alimentam e corrigem o sistema incessantemente.

Os algoritmos, modelos de linguagem e bases de dados constituem formas altamente sofisticadas de trabalho morto. Enquanto capital constante, não criam valor novo. Sua função é elevar a produtividade e reorganizar a exploração. A narrativa dominante, porém, atribui aos algoritmos uma capacidade quase ontológica de criação de valor, ocultando sua natureza derivada. Esse deslocamento sustenta o fetiche da IA como força produtiva autônoma.

Contrariamente a essa narrativa, a inteligência artificial depende de forma contínua e estrutural do trabalho vivo. Sem o fluxo permanente de atividade humana — dos rotuladores de dados, dos moderadores de conteúdo e, decisivamente, dos bilhões de interações diárias dos usuários — os algoritmos entram em processo de degradação: perdem precisão, reproduzem erros e tornam-se menos úteis economicamente. A IA, portanto, não elimina o trabalho vivo; ela o fragmenta, o oculta e o incorpora como insumo gratuito da valorização.

No capitalismo de plataformas e da IA, o D' frequentemente assume a forma de promessa futura — valorização fictícia das ações com base na expectativa de domínio de mercado e captura de trabalho vivo futuro. Quando essas expectativas colidem com os limites materiais (escassez de energia, minerais, água) ou sociais (saturação de usuários, resistência regulatória), a bolha tensiona. A lógica da inteligência artificial não supera D–M–D'. O que ocorre é uma transformação histórica de sua aparência: M torna-se desproporcionalmente pesado em capital constante; o trabalho vivo é ocultado sob a forma de uso; e D' tende a se autonomizar como expectativa financeira. A contradição central permanece intacta: a valorização exige trabalho vivo, mas a própria dinâmica da IA busca reduzi-lo ao mínimo visível, ampliando simultaneamente a dependência de condições materiais que escapam à lógica do crescimento infinito.

Aqui, porém, a análise da fórmula exige um deslocamento crucial, do econômico para o político-histórico. A história do capitalismo mostra que a burguesia só conseguiu afirmar-se como classe dominante ao destruir um inimigo externo: a aristocracia e o clero feudais, cujas formas de

poder e propriedade bloqueavam o desenvolvimento das forças produtivas. Essa destruição foi condição histórica para a consolidação do modo de produção capitalista. No entanto, uma vez estabelecido, o capitalismo produziu seu antagonista interno: o proletariado.

Diferentemente das classes dominantes do antigo regime, o proletariado não constitui um obstáculo externo à acumulação, mas sua condição interna. A burguesia não pode eliminar o trabalho vivo sem eliminar, ao mesmo tempo, a produção de valor e a própria possibilidade de valorização do capital. Essa contradição estrutural define o núcleo da luta de classes no capitalismo.

O discurso contemporâneo da inteligência artificial reatualiza, em novo registro tecnológico, a antiga fantasia burguesa de superação definitiva desse antagonismo. Promete-se, mais uma vez, a substituição do trabalho humano como fundamento da acumulação. A IA aparece, assim, como a promessa de um capitalismo finalmente livre de trabalhadores, conflitos sociais e limites políticos. Essa promessa, contudo, revela-se ilusória.

A inteligência artificial eleva a níveis inéditos a composição orgânica do capital, exigindo investimentos maciços em capital constante — datacenters, energia, minerais estratégicos e infraestrutura territorial — ao mesmo tempo em que não prescinde do trabalho vivo. Pelo contrário, depende dele de forma contínua, ainda que difusa, precarizada e invisibilizada. O que se apresenta como superação do proletariado retorna como aumento dos custos materiais da acumulação e como instabilidade estrutural da valorização.

A tentativa de eliminar o trabalho vivo reaparece, assim, não como libertação do capital, mas como seu novo fantasma. Para os investidores, a IA encarna simultaneamente a promessa de um D' sem trabalho e o risco de um processo de acumulação cada vez mais oneroso, dependente de recursos naturais finitos e de uma base social que insiste em reaparecer sob novas formas. Inserir a inteligência artificial na fórmula  $D-M-D'$  não é, portanto, um exercício de adaptação conceitual, mas de crítica política. Trata-se de mostrar que, longe de representar uma superação do capitalismo, a IA aprofunda sua contradição fundamental: a exploração do trabalho vivo, que é simultaneamente a fonte de sua riqueza e o germe de sua negação.

## **5 CAPÍTULO 4: BARBÁRIE, CRISE CLIMÁTICA E A IDEOLOGIA DA SUPERPOPULAÇÃO: A ADMINISTRAÇÃO TECNOLÓGICA DO COLAPSO**

Se o limite da IA se revela material e histórico, impõe-se deslocar a análise do plano técnico para o plano social. A questão central já não é a sofisticação dos algoritmos, mas a forma social que organiza sua produção e uso. A IA aparece como intensificação de uma lógica antiga: a subordinação



do trabalho vivo ao trabalho morto. A questão decisiva é: para onde flui a riqueza social extraída desse ciclo? E como o capital reage quando sua lógica de expansão colide com os limites do planeta?

A resposta ideológica dominante é conhecida: a culpa seria da superpopulação, do excesso de seres humanos consumindo recursos. Essa narrativa desloca a responsabilidade do sistema de produção para a existência humana em si. Marx já havia demonstrado que a superpopulação relativa não é excesso natural, mas produto necessário da acumulação. István Mészáros aprofunda essa análise ao mostrar que, na crise estrutural do capital, essa população deixa de ser reserva funcional e passa a ser estruturalmente descartável. Não se trata mais de integrar, mas de administrar.

A crise climática revela o limite absoluto do capital: sua incapacidade estrutural de reconhecer limites substantivos. O capital responde não com contenção, mas com deslocamento, destruição e guerra. A barbárie contemporânea — conflitos permanentes, deslocamentos forçados, colapso ambiental — não é falha do sistema, mas sua forma normal de funcionamento em crise.

Essa realidade é captada, de maneira difusa, pela percepção social. A proliferação de narrativas distópicas na literatura, no cinema e nas artes visuais expressa a vivência coletiva de um futuro bloqueado. Mundos devastados (Mad Max), controle tecnológico totalitário da vida (Black Mirror), populações excedentes administradas em guetos (Elysium) e catástrofes ambientais não são exercícios de imaginação, mas formas estéticas de apreensão da experiência histórica.

A IA surge, nesse contexto, como tecnologia de administração do impasse. Longe de oferecer emancipação, ela organiza tecnicamente a barbárie. Nas distopias, a tecnologia não surge como promessa, mas como engrenagem da sobrevivência administrada. Algoritmos regulam fluxos humanos, calculam a escassez, vigiam comportamentos e organizam o descarte, convertendo a crise em rotina. A Inteligência Artificial aparece, assim, não como ruptura histórica, mas como técnica de gestão de um metabolismo social em colapso. Ao traduzir antagonismos irreconciliáveis em problemas técnicos, desloca-se o conflito da política para a administração, naturalizando a exclusão como necessidade racional. A distopia não antecipa o futuro: ela reconhece, em linguagem estética, a forma presente da crise estrutural do capital.

## 6 CONCLUSÃO

Este artigo partiu da análise da Inteligência Artificial para revelar uma crise que não é tecnológica, mas histórica. A IA aparece como a forma mais desenvolvida do fetichismo da mercadoria, ocultando a exploração ampliada do trabalho vivo sob a aparência de inteligência autônoma.



Demonstramos a materialidade pesada da IA e sua dependência do Estado. Analisamos a mercadoria-IA como processo social de exploração contínua. Recolocamos o trabalho vivo no centro da análise através da fórmula  $D-M-D'$ , desfazendo o mito da autonomia algorítmica. E, por fim, levamos essa análise ao limite, mostrando como a ideologia da superpopulação, a crise climática e a barbárie constituem respostas sistêmicas à crise estrutural do capital, percepção que se cristaliza na arte distópica.

Quando o futuro só pode ser imaginado como colapso administrado, é porque o presente já não oferece horizonte de emancipação dentro da forma social vigente. A Inteligência Artificial não inaugura uma nova era. Ela espelha, com precisão brutal, o estágio em que o capital transforma inteligência coletiva em capital morto, crise histórica em fatalidade natural e populações inteiras em excedente administrável.

Inserir a inteligência artificial na fórmula  $D-M-D'$  permite compreender que ela não representa uma ruptura com a lógica do capital, mas sua radicalização em um contexto de limites históricos evidentes. A IA aprofunda o fetichismo tecnológico, intensifica a exploração do trabalho vivo e desloca as contradições para o plano energético, ecológico e social. Ao reencenar a fantasia da eliminação do trabalho humano, o capitalismo digital revela não sua força renovada, mas sua dificuldade crescente de sustentar as próprias condições materiais de valorização.

A IA aprofunda o fetichismo tecnológico e reatualiza o projeto burguês de dissolver o antagonismo de classe na automatização total — projeto fadado ao fracasso porque esbarra na contradição insolúvel entre a eliminação do trabalho vivo e a necessidade de sua exploração para a valorização.

A crítica marxiana da inteligência artificial, longe de ser anacrônica, mostra-se, assim, indispensável para compreender os impasses do presente e os limites históricos da acumulação capitalista.

Contudo, a própria experiência de produção deste artigo, mediada por ferramentas de IA, revela a dialética em ação. A tecnologia que o capital transforma em vampiro do trabalho vivo mostra-se, em seu potencial liberado, uma fabulosa extensão da potência intelectual humana. Ela potencializa nossa capacidade de crítica, sintetiza o conhecimento social acumulado e diminui drasticamente o tempo de execução de tarefas repetitivas, concedendo autonomia para o pensamento criativo. Essa vivência é um vislumbre prático do que Marx, na Ideologia Alemã, descreveu como a atividade para além da escassez e da esfera exclusiva: a possibilidade de 'caçar de manhã, pescar à tarde, criar gado à noite, fazer crítica depois da refeição, a seu bel-prazer'(MARX; ENGELS, 2007, p. 47).

O horizonte que se abre não é, portanto, o da rejeição da técnica, mas o da superação da forma social que a captura. A luta política decisiva do nosso tempo é pela reapropriação dessas forças produtivas vampirizadas, transformando o vampiro em servo, e convertendo a inteligência artificial morta — hoje cristalização do trabalho alienado — em ferramenta viva para a construção do reino da liberdade."

A contradição, portanto, não é técnica, mas social. A Inteligência Artificial é a expressão mais avançada do intelecto geral humano – aquela massa de conhecimento social e científico que, como Marx previu, se tornaria a principal força produtiva. O que hoje funciona como mecanismo de fetiche e administração da barbárie é, em sua essência, um produto coletivo de milênios de desenvolvimento humano. A luta política decisiva do nosso tempo é pela reapropriação social dessa potência. Isso significa commonizar a infraestrutura, o código e os dados – transformando a 'nuvem de concreto' em bem público e o saber algorítmico em patrimônio aberto. Só assim o vampiro será domado, e a IA, desfetichizada, poderá cumprir seu potencial histórico: não como administradora da escassez, mas como ferramenta para a ampliação radical do tempo livre e da riqueza comum, alicerces do verdadeiro reino da liberdade.

## REFERÊNCIAS

- MARX, Karl. O capital: crítica da economia política. Livro I. São Paulo: Boitemmo, 2013.
- MARX, Karl. O capital: crítica da economia política. Livro II. São Paulo: Boitempo, 2014.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã (Feuerbach). São Paulo: Boitempo, 2007.
- MÉSZÁROS, István. Para além do capital: rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MÉSZÁROS, István. A crise estrutural do capital. São Paulo: Boitempo, 2009.